

NO EMBALO DO BOLERO

O ESPANHOL LUIS BUÑEL É A GRANDE ATRAÇÃO DA REVISÃO DO CINEMA MEXICANO QUE COMEÇA AMANHÃ NO CINE BRASÍLIA

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO

A O filme *El*, da fase mexicana de Luis Buñel, abre amanhã, no Cine Brasília, a mostra *Revisão do Cinema Mexicano*. Quem despreza os melodramas que o cineasta espanhol realizou no País de Pancho Villa poderá mudar de atitude assistindo ao filme que ele definiu como "um de seus preferidos". Disse mais em sua biografia *Meu Último Suspiro*: "A bem da verdade, *El* nada tem de mexicano. A ação poderia transcorrer em qualquer lugar, já que se trata do retrato de um paranóico".

A trajetória de Luis Buñel (1900-1983) é singular. Ele estreou no cinema com os vanguardistas *Un Chien Andalou* e *L'Age D'Or* (parcerias com Salvador Dalí) realizados em 1928 e 1930, respectivamente. Depois, engajou-se na Resistência ao Franquismo, como uma espécie de embaixador cultural das forças republicanas que enfrentaram as (vitórias) falanges fascistas (1936/1939). Em 1937, em plena Guerra Civil Espanhola, realizou *Espanha Leal em Armas*. Com a derrota dos Republicanos, exilou-se no México. E foi aí que iniciou a fase mais prolífica de sua carreira. Em 1952, ano de *El* (*O Alucinado*, no Brasil), realizou mais dois longas: *Robson Crusoe* e *El Bruto*. De 1947 a 1955, portanto em apenas oito anos, dirigiu 14 longas para efervescente — e voraz — indústria cinematográfica mexicana.

O Buñel que o mundo conhece e reverencia é anarquista e iconoclasta, autor de filmes demolidores, como os dois curtas surrealistas, *O Anjo Exterminador*, *O Discreto Charme da Burguesia*, *O Fantasma da Liberdade* e *Este Obscuro Objeto do Desejo*. Abre exceção para apenas um dos seus filmes da fase mexicana — *Os Esquecidos* (*Los Olvidados*, 1950), de pungente poesia. O preconceito contra sua produção realizada no México é evidente a ponto de Rubem Ewald Filho, em seu *Dicionário de Cineastas*, registrar que "depois do *succés D'escandale* destes filmes (*Chien Andalou* e *L'Age D'Or*, Buñel foi obrigado a encontrar trabalho traduzindo filmes e atuando no Museu de Arte Moderna da Nova Iorque, depois de 47, realizando filmes medíocres no México".

Silvia Oroz, autora de *Melodrama — O Cinema de Lágrimas da América Latina* (tese de mestrado defendida na UnB e transformada em livro pela Rio Fundo Editora) discorda. Em depoimento gravado — em vídeo — na Cinemateca de Curitiba, ela discorre, durante 40 minutos, sobre a obra buñeliana gerada sob os cânones do dramalhão, frisando convicta que o cineasta produziu pelo menos duas obras de primeira linha (*Los Olvidados* e *El*).



O cinema mexicano viveu seu apogeu em tempos de glória durante a Segunda Guerra, num êxito comercial que favoreceu toda a produção latino-americana: os tempos dos dramalhões

em nenhum momento, deixou de dar toques autorais aos seus filmes.

Quem conhece *Viridiana* (1961), que os adeptos do Realismo Crítico têm como ponto mais luminoso da obra de Buñel (os mais transgressores preferem *O Anjo Exterminador*, 1962), sabe da importância do melodrama em sua obra. **Paranóia** — Que *El* (*O Alucinado*) é o título mais importante da *Revisão do Cinema Mexicano*, não há dúvida. Tanto que o filme vai abrir (amanhã) e fechar (domingo) a mostra. Para animar os recalcitrantes, vale transcrever o que Buñel ditou a Jean-Claude Carrière, autor do texto final do *O Último Suspiro*, no capítulo *México (1946-1961)*: "Os paranóicos — tema de *El* — são como os poetas. Nascem assim. Depois, interpretam sempre a realidade no sentido de sua obsessão, à qual tudo se refere".

Mais: "El (*O Alucinado*) comportava um certo número de detalhes verdadeiros, tirados da observação diá-

ria, e também uma boa parte de invenção. Por exemplo, no início, na cena do *mandatum*, da lavagem de pés na igreja (aliás, uma seqüência capaz de arrepiar o mais exigente dos bufuelinos), o paranóico localiza imediatamente sua vítima como um falcão que vê uma cotovia. Pergunto-me se essa intuição repousa em alguma realidade".

Mesmo vivendo no México, Buñel continuava despertando as atenções dos intelectuais europeus. Vale lembrar que, na qualidade de integrante da Resistência, cercava-se de aura e solidariedade que acompanhava, mundo afora, os que (banhados de idealismo) defenderam a frágil República Espanhola. Tanto era assim que *El* foi ao Festival de Cannes, em 52. Buñel relembra o fato, em *O Último Suspiro*: "O filme foi apresentado numa sessão organizada — não sei por quê — em honra dos ex-combatentes e mutilados de guerra, que protestaram vivamente. De um modo geral, foi mal recebido.

PROGRAMAÇÃO

El, de Luis Buñel (amanhã)

La Noche de Los Mayas, de Chano Ureta (terça, dia 19)

El Vampiro, de Fernando Méndez (quarta, dia 20)

Antologia del Cine Mexicano, de Manuel González Casanova (quinta, dia 21)

Los Fernades de Peravillo, de Alejandro Galindo (sexta, dia 22)

Bugambilia, de Emilio "Índio" Fernández (sábado, dia 23)

El, de Luis Buñel (reapresentação, domingo, dia 24)

* Todos os filmes serão exibidos às 21h30, no Cine Brasília (EQS 106/7)

Os anos de ouro do selo Pelmex

A mostra *Revisão do Cinema Mexicano* reduz-se a seis títulos. Fora Buñel, referencial fílmico planetário, há que se destacar os filmes de Emilio "Índio" Fernández (*Bugambilia*, no Brasil *Coração Torturado*, de 1944) e Alejandro Galindo (*Los Fernandez de Peravillo*, de 1953). Completam a mostra o documentário *Antologia do Cinema Mexicano*, de Manuel González Casanova, e os longas de ficção *El Vampiro*, de Fernando Méndez, e *La Noche de Los Mayas*, de Chano Ureta (1939). Para completar esta concisa revisão (em película), a Embaixada do México promoverá mostra com 600 peças (fotografias, textos, murais, cartazes e vídeos) que ilustram a história do cinema mexicano. A exposição permanecerá aberta à visitação até domingo, 24, no Terraço Panorâmico da Torre de TV.

A intenção da mostra *Revisão do*

Cinema Mexicano, segundo explicação de Ricardo Ramirez Leal, adido cultural da Embaixada, "é apresentar ao público brasileiro um pouco dos anos de ouro da mais produtiva e vigorosa cinematografia latino-americana". E por *Anos de Ouro* há que se ler o período que vai do final dos anos 30 até o final da década de 40, com reflexos nos anos 50. Nesta época, o cinema mexicano correu mundo. No Brasil, sob o selo Pelmex (Películas Mexicanas), as telas se inundavam com dramalhões lacrimosos estrelados por Dolores del Rio, Maria Felix, Arturo de Córdoba, Pedro Armendariz, Jorge Negrette e Pedro Infante. Mário Moreno, o Cantinflas, cômico de singular popularidade, segurava a comédia. A eles juntou-se a argentina Libertad Lamarque, que fugiu da Argentina de Péron, movida por rivalidade com Evita, *double* de atriz e primeira-dama.

A América Latina nunca viu tamanho êxito comercial. O ator e diretor Emilio "Índio" Fernández e os diretores Alejandro Galindo, Luis Buñ-



nuel e, Fernando Fuentes levavam multidões ao cinema. "Índio", que o público conheceu — como ator — em filmes como *Meu Ódio Será tua Herança* (Sam Peckinpah, 1969) *Fuga Audaciosa* e *Viagem para a Morte*, foi a estrela máxima do cinema mexicano. Atuava na frente e atrás das câmeras, sempre em dobradinha com Gabriel Figueroa (1908), um dos ícones da fotografia no subcontinente. Sua fama lhe abriu mundos. Trabalhou em Cuba, Espanha, Argentina e EUA. Um de seus filmes, *Maria Candelária*, foi consagrado em Cannes. Em 49, realizou *La Perla* (*A Pérola*), baseado em Steinbeck e considerado sua melhor obra.

O declínio de "Índio" veio ainda no anos 40. Nos 50, não conseguiu o prestígio de outrora. Até o cinema mexicano vivia grandes dificuldades. Nos anos 70, o diretor-ator foi condenado à prisão por assassinato.

Alejandro Galindo também conheceu o sucesso. A Enciclopédia Mirador o tem como "um digno representante de um cinema cheio de sentimento popular, apesar de suas concessões melodramáticas e inconsis-

tências ideológicas". Ele realizou seus primeiros filmes em 1937 e 38 e, mais tarde, iniciou com *Campeón sin Corona* (1945), baseado na história real de um fracassado pugilista, ciclo de grande êxito popular".

Para se ter uma idéia do que foi o cinema mexicano nos anos marcados pela Segunda Grande Guerra, vale recorrer a estatísticas. Em 1938, o país produziu 57 películas. Em 1944, a produção subiu para 75 títulos em longa-metragem. Alguns cineastas, como Emilio "Índio" Fernández, inspiraram-se em *Que Viva México* (Sergei Eisenstein, 1931) para gerar filmes onde predominava "força nacional-indigenista de primitiva carga dramática e denso lirismo garantido pela fotografia de Gabriel Figueroa". (MRC)

■ REVISÃO DO CINEMA MEXICANO — Mostra cinematográfica com seis títulos, no Cine Brasília (106 Sul), em sessões diárias às 21h30. Versões originais em espanhol. Entrada franca — *Mostra Iconográfica e Videográfica do Cinema Mexicano*. De amanhã a domingo, em horário comercial, no Terraço Panorâmico da Torre de TV. Promoção da Embaixada do México e Secretaria de Cultura.